


Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP

CMUHE013792

Desafio a um povo:

O Estado 20.9.70

País sem telefones

São Paulo deveria ter hoje, pelo menos, 1,2 milhões de telefones, mas só tem 450 mil. O Brasil precisa de 10 milhões de telefones, mas só tem 1,9 milhão. Em vez dos atuais 4 mil circuitos interurbanos, o Estado de São Paulo necessita de 72 mil. O número de telefones públicos, por sua vez, deveria ser 10 vezes maior.

O sistema telefonico brasileiro de um modo geral — e o paulista em particular — constituem hoje um ponto de estrangulamento do desenvolvimento nacional. Quem não se comunica não se desenvolve pode ser também um ditado correto, no mundo de hoje. Sem comunicações eficientes, o progresso material e cultural se detém. Apenas para ilustrar o caso particular dos telefones, vejamos os índices de aparelhos por 100 habitantes de algumas cidades:

— São Paulo	6
— Rio de Janeiro	9
— Campinas	13
— Buenos Aires	22
— Washington	115
— Beverly Hills	155

Média brasileira: 2 telefones por 100 habitantes. Média dos Estados Unidos: 54. O Japão, com um dos sistemas telefonicos mais modernos e eficientes do mundo, tem nas grandes cidades 2 telefones domiciliares para cada telefone publico. Na Europa, há 1 telefone publico por 100 habitantes. Em São Paulo, maior cidade do Brasil, 1 por mil. Dez vezes menos.

Esses são apenas alguns aspectos do imenso desafio que constituem o problema telefonico brasileiro. A CTB-São Paulo, com

nova diretoria, desde janeiro ultimo, mostrou nesta Semana de Telecomunicações o que está fazendo e, principalmente, como pretende fazer.

O engenheiro Delson Siffert, diretor de Operação da CTB-São Paulo, explica as duas missões principais da empresa:

— Em primeiro lugar, é preciso integrar operacionalmente os varios sistemas existentes e, para isso, criar nova mentalidade empresarial nas companhias de operação, atualizando-as com novos metodos tecnicos de projeto, de sistema de supervisão, de execução de programas e de operação e manutenção, preocupação constante com rendimento e eficiência do trabalho profissional, abandonando-se o empirismo e introduzindo-se metodologia tecnica.

— A segunda missão consiste em estabelecer planos sem ilusões, compatíveis com nossas condições reais, a fim de não atrasarmos ainda mais as saluções viáveis, pela falsa satisfação das promessas faceis, assim como é preciso considerar todos os fatores que envolvem o problema, muitas vezes transcendentés aos limites de uma companhia operadora, passando pelas areas da industria, da escola e da propria educação do povo.

Com 800 companhias telefonicas operando no Brasil de hoje — 200 só em São Paulo — não é possível alcançar a integração operacional. O diretor da CTB paulista analisa essa situação:

— Além da inviabilidade dessa situação (800 empresas atuando nesse campo), em decorrência do elevadissimo custo operacional

global, temos a impossibilidade de interação tecnica dos numerosos sistemas com equipamentos diferentes. Não se pode mais limitar a telefonia aos sistemas locais das cidades. É imperioso ligá-las. O problema é, pois, de telecomunicações, generalização do conceito de telefonia local, com grande ênfase nos interurbanos.

Segundo o ministro Hygino Corsetti, o governo pretende estabelecer a fusão amigavel dessas centenas de empresas telefonicas, de modo que se formem empresas integradas ao nível estadual. Para cada Estado, uma grande empresa, racionalizada, bem administrada e em condições de responder ao desafio do problema. Só em ultimo caso, se utilizará do caminho da desapropriação.

A situação paulistana — A grosso modo, o Plano de Expansão da CTB — São Paulo tem 3 caminhos de execução: obras civis (incluindo galerias de dutos e predios); equipamentos terminais telefonicos das centrais; rede externa de cabos (incluindo os cabos subterraneos).

O primeiro e o terceiro caminhos são projetados diretamente pela CTB, que contrata a execução e supervisiona essas obras. Em ambos os casos, tais obras sofreram muitos atrasos em decorrência de "falhas tecnicas de projeto e má coordenação das atividades da administração da empresa, que não estava preparada para trabalho de tanto vulto, após a estagnação estrutural de 3 décadas" — explica o eng. Delson Siffert. Os empreiteiros não cumpriam os prazos contratuais e o circulo vicioso se fechava.

No segundo caminho de execu-

ção do Plano de Expansão, o da industria de equipamentos telefonicos, é preciso esclarecer que a CTB encomenda "sistema telefonico", isto é, conjunto de equipamentos interligados, com rede testada e em condições de funcionamento e não somente equipamentos de estoque, isolados e não instalados.

— Aqui temos uma grande causa dos atrasos na expansão. Discute-se muito em torno da capacidade ociosa da industria, mas até hoje a CTB ainda não aceitou integralmente nenhuma central do atual Plano de Expansão, algumas delas em operação desde 1966, em decorrência dos itens pendentes.

Na verdade, a industria assumiu compromissos para os quais não estava preparada. Embora lhe faltem planejamento e previsões das necessidades governamentais, não há condições imediatas de produção do equipamento solicitado, dentro dos prazos contratados. Além disso, a CTB honrou todos os prazos de pagamento das parcelas contratuais, muitas vezes sem receber 10% das obras industriais.

Por isso, o eng. Delson Siffert adverte:

— Somos tecnicos brasileiros e dos maiores propugnadores da industria nacional. Mas industria nacional mesmo e não pura exploração da avidez brasileira pelo desenvolvimento, interessada em contratos ilusorios e sem responsabilidade, mercenarismo em lugar de comercio justo. A CTB não assumirá mais os riscos operacionais de centrais incompletas para encobrir os lucros faceis do passado.

CT.B. Implantação da Rede Interurbana.



Implantando os sistemas estaduais, a CT.B. complementa o trabalho da EMBRATEL nesta área

